ANNO XXIV DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 12 DE MARÇO DE 1905 — N.º 1:091 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

O POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 292

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

RUSSIA E JAPÃO

Mais um grande combate travado entre o exercito da Russia e o exercito do Japão. E mais uma vez o exercito do czar parece ser levado de vencida. Não obstante o extraordinario valor de que tem dado provas o soldado russo.

E' que, como tantas vezes o temos dicto aqui, o valor individual é o menos. Foi-o sempre, mesmo na epocha das grandes luctas braço a braço. Esse valor é, nunca deixou de o ser, proximamente egual em todos os exercitos. A estupida vaidade nacional quer sempre, em todos os povos, considerar a valentia como primeira condição de successo, e quer sempre que o soldado das suas bandeiras seja mais valente do que o soldado das outras. Ora o homem é tão valente na Russia, como na França, como na Hespanha, em Portugal, na Italia, em Africa ou no Japão. E, sendo assim, o valor individual não é, não foi, não será, a primeira condição de successo nas luctas armadas das nações.

A primeira condição foi sempre a capacidade dirigente, e outras circumstancias de caracter meramente moral. Ou uma consideravel differença de numero. E, aqui mesmo, prefere ao numero a organisação, o enthusiasmo, ou a intelligencia. Os gregos venceram os persas, dez vezes superiores em numero. Os portuguezes venceram os hespanhoes, cinco vezes mais numerosos do que nós, nos campos d'Aljubarrota. E, como esses, muitos outros exemplos na historia, que poderiamos mencionar.

O que dá força ao Japão sobre a Russia é a sua admiravel organisação militar, em que entram como primeiros factores a instrucção e a liberdade. Admiravel organisação militar que corresponde a uma admiravel organisação politica. Foi o que deu força á Allemanha contra a França em 1870.

Não é a primeira vez que dizemos isto. Os factos, porém, não se fixam na memoria d'um publico de tanta ligeireza de espirito, como o nosso, senão á força de se exporem, ou de se repetirem.

O exercito russo tem dado provas d'uma extraordinaria valentia. Sabe-se como o successo anima ou enthusiasma, e como a desgraça e os desastres desanimam e acovardam. O exercito japonez tem vindo de victoria em victoria, o que lhe exalta a coragem, o que lhe levanta o animo. O exercito russo tem vindo de derrota em derrota. Entretanto, bate-se com um heroismo que, em taes condições, é verdadeiramente notavel. Todavia, tem-lhe sido impossivel até hoje obter uma victoria.

E' que, repetimos, a valentia é o menos. Se o soldado russo é valente, tambem o é o soldado japonez. Mas este tem a mais a força da intelligencia e a força da liberdade.

A coragem do soldado russo é a coragem fria do escravo. A coragem do soldado japonez é a coragem ardente do homem animado por um nobre ideal. O soldado russo sabe resistir e sabe morrer. Mas o soldado japonez, sabendo o mesmo, sabe tambem habilmente combater. No exercito russo reina a divisão, mina-o a força dissolvente d'um povo sem objectivo social. No exercito japonez é profundo o espirito de solidariedade nacional. A' desharmonia, á inveja, á corrupção, que se ostenta na officialidade do exercito russo, oppõe-se a mais digna emulação e consciencia do dever na officialidade do exercito japonez.

O Japão é um povo livre, com exacta noção da liberdade. A Russia é um povo escravisado, sem estimulo para se mexer, nem aspiração de qualquer ordem para se enthusiasmar.

A derrota definitiva da Russia cada vez se impõe como mais provavel. Os extraordinarios recursos d'esse paiz, em dinheiro e em homens, ainda poderiam, até este momento, ter feito mudar o rumo dos acontecimentos, apesar da distancia a que se acha a Mandchuria, e apesar da perda da esquadra dos russos, se o czar, no seu despotismo, podesse contar com a força do espirito patriotico. Se detraz d'elle tivesse uma tal ou qual homogeneidade nacional. Mas esse espirito patriotico falhou. Mas essa homogeneidade não existe. A obra de dissolução, operada pelo despotismo, foi muito mais profunda do que se imaginava. E, n'estes casos, será muito difficil, se não já impossivel, a desforra.

Só havia um recurso: a proclamação sincera do regimen liberal. Se o czar fosse um homem d'estado, um politico de envergadura pujante, não hesitaria um segundo. Teria visto que o movimento liberal se impõe fatalmente e que acabará por triumphar. E, dada a gravidade das circumstancias, por interesse proprio, até, apressar-se-hia a reunir em volta de si a nação para dar nos japonezes o golpe decisivo. Por interesse proprio, dizemos, por isso que, entre ter de dar a constituição á força, com a perda completa do seu prestigio individual, e dá-la voluntariamente, não só conservando, como augmentando esse prestigio, não haveria duvida alguma para um homem verdadeiramente intelligente.

Seria o unico meio d'elle conseguir triumphar do Japão, o que redundaria em novo augmento de prestigio para a dignidade imperial.

O que arriscava? A vida? Não perdia nada. Os aristocratas passariam a ameaçar-lhe a existencia. Mas hoje ameaçam-lh'a, não menos gravemente, os nihilistas.

A satisfacção moral, que um regimen liberal daria aos russos, a força de expansão e de enthusiasmo, que d'elle resultava, as iniciativas, os talentos, os estimulos, que elle traria á superficie e poria em execução, o espirito patriotico, hoje morto, e que elle faria resuscitar, constituiriam o unico elemento de successo na guerra feroz que continua travada. A Russia poderia vencer ainda. Deveria vencer, mesmo. Assim, é muito difficil, e se a agitação interna continuar, com o grau de intensidade com que se mantem ainda, será mesmo impossivel.

O czar não é um homem. Timido, irresoluto, hesitante, parecendo querer, no fundo, ceder á corrente impetuosa da opinião liberal, é sempre detido nas suas intenções por uma camarilha tyrannica, pelas imposições ameaçadoras da sua propria familia, e fica-se, ao mesmo tempo que o incendio revolucionario vae devorando tudo até acabar por o devorar a elle proprio.

E' a fatalidade historica, que tem leis certas e inilludiveis.

Sempre assim foi. Parece que sempre assim será.

Como os artigos *Espirito Democratico* se estavam dilatando, e como não queremos tirar ao nosso artigo de fundo o caracter, que sempre teve, de *opportunidade* ou *occasião*, passaremos a concluir as bellas licções historicas, que os artigos *Espirito Democratico* contéem, em outro logar,—e estejam certos os leitores de que não deixaremos de os concluir—continuando a reservar o artigo de fundo para o *assumpto do dia*.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

O CONVENTO DAS CARMELITAS
E OS
Reaccionarios d'Aveiro

Affirmam-nos que o sr. presidente da camara não transige com a cambada ignobil dos francaceos, e que mantem firme o seu projecto de melhoramentos municipaes, sem em coisa alguma os alterar na parte relativa ao convento das Carmelitas. Estimamos.

O sr. presidente da camara já transigiu quando elaborou o projecto actual, pois que a sua primeira resolução tinha sido fazer sahir as *freirinhas*, do coio reaccionario, que, de ha muito, estão occupando com affronta dos bons principios e das leis do paiz. Já então transigiu e fez muito mal. O seu dever, como homem liberal que se diz ser, como homem intelligente que é, como presidente d'um municipio que tem as mais honrosas tradicções liberaes, era não transigir, era andar para deante, era continuar no seu proposito de acabar com o coio jesuitico, aproveitando o convento para estabelecimentos e institutos de utilidade publica.

O sr. presidente da camara deve sempre ter em attenção que não está menino, que não póde durar muitos annos, e que, n'esse caso, não andando a trabalhar, como não anda, para obter empregos para si ou para a familia, os mais elementares principios de bom senso lhe recommendam que não pratique acto algum que deslustre o seu nome e possa eclipsar, ou, pelo menos, diminuir, o valor dos serviços que até hoje prestou á cidade. Se o sr. presidente da camara praticar qualquer acto n'esse sentido, é simplesmente estupido, e nós não o temos n'essa conta.

Já agora, que poucos annos lhe restam de vida, mantenha a honra do seu nome e deixe-se morrer como um dos raros homens que serviram esta terra com zelo, intelligencia e espirito liberal.

Póde crer que é um bom conselho que lhe damos.

Por outro lado, o sr. presidente da camara não se deve esquecer de que todas as difficuldades, que se erguem na sua frente, são provocadas, ou movidas, por esse bando de garotos, de malandros e de reaccionarios que constituem o grosso do partido francaceo em Aveiro. Ora o sr. presidente da camara dará provas de estupidez, e de pouca dignidade, se, depois d'aquillo que nos ultimos tempos tem occorrido, tiver a minima transigencia com essa corja de tratantes.

Não terá. Mas não ha duvida nenhuma que o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto se *acovarda* um pouco deante d'essa canalha. Isso já nós temos visto. E, francamente, é um mau symptoma. Estimariamos que o sr. Gustavo fosse um pouco menos *timido*, como, aliás, o julgavamos.

A canalha não vae com processos brandos. Tambem a esse respeito se illude o sr. governador civil. Uma coisa é ser tolerante, outra coisa é ser fraco. Não confundam nunca toleran ia com fraqueza. Tolerancia é para as opiniões, para os processos honestos e para os homens dignos. Para os canalhas, a quem servem todos os processos, ainda os mais infames, que deturpam com mentiras, infamias e calumnias, conscientemente, todos os actos dos adversarios, a menor indulgencia representa uma fraqueza indigna, senão um verdadeiro crime.

Estimamos, pois, repetimos, saber, que nem o sr. presidente da camara, nem o sr. governador civil, estão resolvidos a deixar-se *espesinhar* pela quadrilha dos francaceos na questão do convento das Carmelitas.

Esse seria tambem para o sr. governador civil, e não só para o sr. Gustavo, um acto de verdadeira estupidez.

Ha dias foi a Lisboa a direcção, ou coisa que o valha, da chafarica que ahi vive com o nome de *Associação Commercial*. Essa chafarica é uma verdadeira oligarchia, que não representa os interesses commerciaes da cidade, mas sim os interesses do bando francaceo. Nada mais. E é facil de ver. Que foi a Lisboa fazer a tal direcção, ou coisa que o valha, commandada pelo pequenino Domingos, o marechal de Liliput? Dizem que pedir ao governo varios melhoramentos, e a salvação do convento das Carmelitas. Ora é manifesta a hypocrisia dos figurões. Manifesta e repugnante. E é manifesta e repugnante porque, a ser sincero o espirito que os animasse, a primeira pessoa a quem os figurões se deveriam dirigir seria o sr. governador civil. Queriam, realmente, servir os interesses da terra? E' claro que não poderiam conseguir coisa nenhuma sem a intervenção do sr. governador civil, que não é um verbo de encher, mas homem de verdadeira influencia com a actul situação. Pôr de parte o sr. governador civil, era desconsidera-lo, era, pelo menos, melindra-lo, portanto, era não conseguir coisa nenhuma.

Além d'isso os figurões foram pedir melhoramentos que já tinham sido pedidos por um dos deputados do circulo, o sr. conde d'Agueda, mas sem se entenderem primeiro com este cavalheiro.

Queriam, realmente, servir os interesses da terra? Não. Só se quizessem prejudica-los! Déram todos os passos necessarios para isto. O fim d'elles foi, por ignobil politiquice, melindrar, desconsiderar, irritar o sr. governador civil e o sr. conde d'Agueda. Supponhamos que o tinham conseguido. O que succedia? Que os dois individuos citados iriam interpôr a sua influencia precisamente em sentido contrario ao dos figurões. Que não dariam mais um passo, pelo menos, em favor d'aquillo que elles tinham sido os primeiros a pedir. E a cidade ficaria prejudicada, em vez de ficar favorecida.

Taes são, sempre, os resultados do *patriotismo* e das *boas intenções* das gentes francaceas.

Nunca fizeram nada, nunca farão nada a favor de Aveiro. Roídos de invejas, escravos de vis paixões, sem abnegação, sem espirito algum de justiça, o seu trabalho é todo de intriga, de dispersão, de aniquilamento moral e material.

O sr. governador civil não daria, pois, provas de intelligencia, mas de estupidez, como o sr. Gustavo, se com elles agora transigisse na questão do convento das Carmelitas.

Mas como este artigo já vae longo, continuaremos no proximo numero.

O ESPIRITO DEMOCRATICO

Os prussianos e os austriacos acabaram por retirar deante dos exercitos republicanos. A França ficou livre da invasão.

Eis como Chuquet, no já citado volume *La Retraite de Brunswick*, commenta o fim da primeira campanha e aprecia os exercitos revolucionarios:

«O exercito de linha teve a nobre perseverança que Narbonne lhe recommendava. Supportou tudo com uma coragem infatigavel, as privações, as marchas debaixo de chuva, os bivaques sobre a lama. Não desesperou da victoria. Encarou intrepidamente os soldados de Frederico e recebeu-lhes o fogo sem vacillar. Já não era o exercito real; era o exercito da revolução, que, desde que o rei fôra apanhado em Varennes, só soltava o grito de *Viva a Nação*, e que, animado e penetrado do espirito novo, tinha jurado morrer pela patria.

O exercito de linha foi secundado pelos voluntarios de 1791, aos quaes dava o exemplo da resignação e de uma tranquilla bravura. Aguerridos por dez mezes d'exercicios e pelo contacto incessante com os velhos regimentos, os voluntarios da primeira leva tinham acabado, apezar de alguns desfallecimentos inevitaveis, por rivalisar em coragem, em sangue frio e em paciencia com as tropas de linha.

A França tinha, pois, um exercito valoroso, patriotico, capaz de a salvar.

E detraz d'elle estava uma reserva immensa e que parecia formidavel. A França inteira se erguia contra o extrangeiro. Ao ruido dos clamores que excitava a invasão, á noticia do impeto unanime da mocidade que se lançava nos campos de manobra, á vista das massas que se levantavam excitadas pelo sentimento nacional, os alliados julgaram a partida perdida. O apparato das nossas forças, diz Couthon, tinha feito empallidecer os reis da Europa.

Accrescentemos que, por felicidade, as provincias onde a guerra se travou eram as mais patrioticas da França e as mais dedicadas á nova ordem de coisas. Com que odio as populações ruraes de Lorena e Champagne tinham protestado contra esse antigo regimen sob o qual elles nada tiravam da terra, ou quasi nada, e as obrigava a vegetar penivelmente n'um estado de angustia e de privações continuas! Com que enthusiasmo tinham saudado essa benefica Revolução, que destruia os direitos senhoreaes e os dizimos que pagavam ao clero!

Tambem, a desillusão dos alliados veio depressa. Comprehenderam que a França não acceitaria nunca o antigo regimen que elles pretendiam restabelecer. Alguns dias depois da batalha de Valmy, o principe Luiz Fernando percorria, com o emigrado Marcillac, a linha do exercito de Dumouriez e e de Kellermann. «Para que andamos aqui a bater-nos? dizia elle. Faremos matar homens, mas não salvaremos Luiz XVI. Os francezes não querem mais rei.» Os colligados sabiam, pois, que não attingiriam o fim da expedição. Tinham a certeza de que Luiz XVI restaurado não collocaria a França sob a sua lei. Seria elle capaz, confessa Bouillé, de manter a força de auctoridade que nós lhe restituissemos? Acredita-se, accrestava Archenholz, que o povo francez teria repellido para longe de si a liberdade de que elle tinha gozado durante quatro annos, mantendo a tranquillidade que lhe impozessem os alliados victoriosos? Mercy reconhecia, desde 3 d'outubro, que a empreza de restabelecer de repente a monarchia era uma *chimera*, uma *desastrosa loucura*.

As consequencias da campanha de 1792 eram incalculaveis. Quando devia acabar com tudo, começou tudo. Aquelles que a tinham emprehendido queriam salvar a Luiz XVI o throno e a vida; a sua approximação desthronou-o, e o resentimento que a conducta dos alliados produziu foi uma das causas da sua morte. Queriam cumprimir a Revolução e desencadearam-na. Projectavam enfraquecer a França a pretexto de lhe darem a ordem e a paz e só conseguiram instruir o seu exercito, despertar o valor francez que pensavam adormecido, fazer das tropas, que julgavam varrer como pó, uma força irresistivel.

Da defensiva, a Revolução passava á offensiva e invadia por todos os lados os territorios visinhos. «Estes francezes, escrevia um ministro austriaco, objecto do desprezo e do riso da Europa ha cinco mezes, fazem avortar vergonhosamente as tentativas dos nossos exercitos combinados; obrigaram-nos a levantar o cerco de Lille; destruiram em Spira os nossos mais ricos armazens; ameaçam o imperio dos lados de Heidelberg e são senhores de toda a Saboya.» Custine apoderava-se de Mayence e Dumouriez partia para a conquista da Belgica. A 24 d'outubro, o Conselho executivo provisorio determinava que os exercitos francezes não estabelecessem quarteis de inverno antes dos inimigos da Republica serem repellidos para além do Rheno. Seria inutil, accrescentava o Conselho, que «o patriotismo dos cidadãos, o valor dos soldados e a habilidade dos generaes tivessem repellido para além das fronteiras os exercitos inimigos, se elles podessem ainda, estabelecendo-se nos paizes circumvisinhos, reforçar-se ahi com segurança e preparar impunemente os meios de renovar incessantemente a sua funesta invasão.»

A guerra decretada a 20 d'abril de 1792 contra a Austria tornava-se uma guerra contra a velha Europa, e, como o tinha predicto um official do campo de *la Lune*, um jogo d'azar em que se jogavam magestades. Uma nova era começava, e Merlin de Thionville a tinha definido na sessão de 20 de abril, quando exclamava, com applausos das tribunas, que era preciso declarar a guerra aos reis e a paz ás nações. «O labarum da liberdade, dizia Louvet, fluctua nos montes saboyanos e ameaça as possessões austriacas. Chambéry está tomado, o Brahant espera-nos. Todos os povos contrahem nupcias com a liberdade. Uma conflagração universal vae incendiar os ultimos thronos que pesam sobre a terra!»

Estas palavras de Louvet appareciam na *Sentinelle* a 29 de setembro de 1792, e tinham sido, na vespera, pronunciadas na Convenção. Danton declarava que a nação franceza tinha, nomeando a nova assembléa, creado um grande comité de insurreição geral dos povos.»

Assim aprecia Chuquet as campanhas de 1792. Começaremos a ver nos artigos immediatos o que foram as campanhas que se seguiram.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que vamos principiar com a cobrança das assignaturas, esperando dever-lhes o favor de pagarem o recibo logo que lhes fôr apresentado, para nos pouparem demoras e prejuizos na cobrança, sempre prejudiciaes ás emprezas jornalisticas.

O «Povo de Aveiro» *só poderá continuar a sua obra de evangelisação de principios e defeza da verdade com o auxilio dos seus assignantes, pois todos comprehenderão as difficuldades que encontrará pela frente um periodico que ousa, como este, erguer a cabeça, n'um meio tão corrompido como o nosso, para dizer sómente o que se lhe afigura de justiça, sem se prender com preconceitos, nem com interesses de grupos ou individuos.*

Não procuramos tirar da publicação do «Povo de Aveiro» *proventos nenhuns, como nunca tirámos. Procuramos só mante-lo com independencia e altivez honesta.*

Aquelles dos nossos assignantes, que residem em terra onde o correio não faz cobrança, pedimos o favor de nos enviarem sem demora a importancia das suas assignaturas em vale do correio.

Cartas d'Algures

10 DE MARÇO.

O *Seculo*, continuando na sua campanha a favor da companhia dos tabacos, e, por conseguinte, contra o sr. José Luciano, compara o procedimento havido por Gladstone, quando se sentiu doente, por Salisbury, nas mesmas condições, por Waldeck-Rousseau, por Loubet e por Giolitti, com o procedimento havido pelo chefe do partido progressista em Portugal. Tem razão. Mas sabe o *Seculo* d'onde vem isso? Vem da falta de sinceridade de quasi todos os que se dizem dirigentes da opinião publica.

O peor mal não é a existencia do sr. José Luciano. E' a existencia do *Seculo*, e d'outros. O sr. José Luciano é sómente aquillo que o deixam ser. Nunca seria presidente do conselho, no estado em que se encontra, se em Portugal houvesse opinião publica. E porque a não ha? Porque o *Seculo*, que é, pela sua tiragem, a mais poderosa alavanca n'esse sentido, não tem feito senão desvaira-la e desmoralisa-la, em vez de a guiar e moralisar.

O publico, o grande publico que lê o *Seculo*, mal sabe lêr, escrever e contar. Grande parte d'elle não sabe senão lêr. Por conseguinte, não tem cultura, não tem capacidade para corrigir as deficiencias, as immoralidades ou os erros do *Seculo*. Se a tivesse, não o comprava, como eu faço, que raramente o leio. Começava por ahi, que era remedio radical. Mas como a não tem, compra-o, devora-o, e acceita como um evangelho tudo quanto elle diz. E' o *Seculo* que faz a opinião publica. Não é a opinião publica que faz o *Seculo*. Ora se o *Seculo* tivesse feito a campanha, que faz agora, quando se annunciou que o sr. José Luciano ia ser presidente do conselho, talvez que o sr. José Luciano não o chegasse a ser. Mas chegasse ou não, o *Seculo* tinha cumprido o seu dever e não lhe faltaria a auctoridade, que lhe falta agora, para a sua campanha.

Porque a não fez? Porque não tinha então interesse algum em a fazer. Porque a faz agora? Porque tem interesse em a fazer. Isto é, não se trata d'uma questão de moralidade e de justiça. Trata-se apenas, como sempre, d'uma questão de interesses.

Pois eis ahi o motivo da differença entre Gladstone, ou qualquer outro dos que ficam citados, e José Luciano. Na Inglaterra, na França, na propria Italia, não seria possivel um José Luciano, porque tambem não seria possivel um *Seculo*. A causa efficiente da actual presidencia de conselho é o *Seculo* e quejandos.

Se o «Seculo» tivesse continuado na corrente democratica que lhe deu fortuna, o «Seculo» teria vivamente combatido, interpretando então com verdade e lealdade o sentimento publico e a honra dos principios, a candidatura José Luciano, no estado de saude em que se encontrava o chefe do partido progressista, á presidencia do conselho. E se tivessem feito o mesmo outros diarios de grande tiragem e influencia, o sr. José Luciano não occuparia hoje o alto logar que occupa. Mas o «Seculo» calou-se. Mas calaram-se todos.

O sr. José Luciano é o producto d'esse silencio.

Que querem agora? De que se queixam? Queixam-se da immoralidade que crearam e alimentaram? Ainda teem esse cynismo!

Para nós, é-nos inteiramente indifferente que vingue a negociata dos phosphoros ou a negociata dos tabacos. Qualquer d'ellas é uma negociata prejudicial ao paiz. Deus nos livrara de tomar partido por uma ou por outra! Mas o que não nos é indifferente é a moral que resulta de toda a bulha porca que para ahi se levantou. E achamos tão atrevidas certas affirmações, no fundo tão cynicas, que é verdadeiramente criminoso passa-las em claro.

Gladstone, Salisbury, Waldeck-Rousseau, Giolitti, não podiam deixar de fazer o que fizeram. Viviam em paizes que não conhecem, nem o permittiriam se o conhecessem, o governo pessoal. E a actual situação do sr. José Luciano é perfeitamente um acto de governo pessoal.

Gladstone, Salisbury, Waldeck-Rousseau, Giolitti, foram productos do seu meio, como José Luciano é em Portugal um producto do meio portuguez. Meio corrupto, o nosso? Sem duvida. Porquê? Porque nos faltou o grande elemento de correcção, que é a consciencia publica. Consciencia publica que se não poude formar por si, dada a profunda ignorancia da nação. Que havia de ser formada pelos elementos de influencia capital sobre as multidões. Mas se esses elementos foram os primeiros a desmoralisar-se? E nenhum tão profundamente como esse «Seculo» que hoje levanta a bandeira da moralidade. Nenhum!

O «Seculo» republicano, o «Seculo» democratico, que deu o exemplo degradante da apostasia politica. O «Seculo» de negocios, que por negocios trocou os honrados principios, que, tendo-o enriquecido, não lhe davam, comtudo, toda a riqueza que elle ambicionava.

Não ha duvida. O sr. José Luciano nunca devia ter sido presidente do conselho. Mas se tal immoralidade revolta, revolta ainda mais que o «Seculo» só se lembre da immoralidade d'esse facto quando estão em jogo os seus interesses. Por mais que fale nos interesses do paiz.

E a morte da nação portugueza está em toda essa falta de honradez, de sinceridade, de honesta orientação dos elementos dirigentes. Não se levanta uma voz a dizer a verdade. Está tudo enterrado em lodo, e se algum se conserva ainda em terreno secco está de cocoras, envergonhado e medroso.

Que falta de coragem!

Essa covardia é o traço caracteristico do caracter nacional.

A. B.

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Mix.	Mix.	Rap.	Mix.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Lisboa.....	7	11,5	4,30	7,5	9,30
		T.		M.	M.
Entronct.º..	=	1,40	6,19	1	12,21
	T.				
Coimbra ...	2,51	6,9	8,17	6,11	3,28
Pampilhosa.	3,23	7,11	8,35	7,3	4,1
Mogofores..	3,51	7,56	=	8,8	4,38
O. do Bairro	4,4	8,9	=	8,22	4,50
Aveiro.....	4,34	8,43	9,18	8,57	5,18
Estarreja...	5,26	9,45	=	9,27	5,40
Ovar.....	5,53	10,13	=	9,52	5,59
Espinho....	6,30	10,54	=	10,26	6,23
Porto(S.Bt.º	7,47	12,14	10,40	11,34	7,28

DO PORTO A LISBOA

	Mix.	Mix.	Mix.	Rap.	Cor.
	M.	M.	T.	T.	T.
Porto(S.Bt.º	4,35	11	1,15	4,20	7,55
		T.			
Espinho....	5,46	12,7	3,25	=	8,48
Ovar.....	6	12,34	3,54	=	9,12
Estarreja...	6,25	1,4	4,22	=	9,36
Aveiro.....	6,45	1,29	4,41	5,41	9,53
O. Bairro...	7,22	2,32	5,25	=	10,32
Mogofores..	7,36	2,57	5,38	=	10,45
Pampilhosa.	7,57	3,22	5,59	6,21	11,7
Coimbra....	8,33	4,1	7,3	6,40	11,33
	T.		M.		M.
Entronc....	1,29	=	12,37	8,48	2,42
Lisboa.....	3,42	11,55	5	10,40	5,40

Tramways—Do Porto para Aveiro e volta—Partidas: de S. Bento, de manhã, 7,7; de tarde, 6,7. De Aveiro para S. Bento, de manhã, ás 3,55 e 10,15; de tarde, ás 4,46.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Comprae **AOSHOND**

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

6 de março.—Os inglezes levantam o bluqueio da Ilha Terceira e logo no dia 8 desembarcam 600 emigrados da Inglaterra que engrossam aquelle foco da revolução constitucional, 1829.

7 de março.—Chega ao Rio de Janeiro a familia real portugueza, fugindo covardemente do inimigo, 1808.

D. Jeão VI, pecrando, nomeia a Regencia do reino presidida por sua filha D. Izabel Maria, *cuja bondade merecia as graças particulares do infeliz pae*, até que o legitimo herdeiro dê as suas providencias, 1826.

Mousinho da Silveira, conhecendo a versatilidade dos constitucionaes, aproveita a dictadura e o periodo em que D. Pedro apenas possuia algumas léguas de terra no meio do mar, para realisar a transformação da sociedade portugueza por meio de decretos, então sem applicação, mas que mais tarde não podiam os aulicos abafar, principiando pela abolição dos sequestros, ataque inaudito á propriedade individual, 1832.

E' enterrado civilmente em Mogofores, conforme a lei civil e as suas disposições testamentarias, Albano Coutinho, 1876.

O povo de Pernambuco proclama a Republica, 1817.

8 de março.—Chegam á Terceira mais 600 emigrados da Inglaterra, 1829.

9 de março.—Execução de Calas, um dos crimes mais negros do Cesarismo, 1762.

João de Calas, negociante calvinista, celebre pela sua morte tragica, consequencia da perseguição religiosa, nasceu em Lacabarèle (Tarn) em 1698 e estabeleceu-se em Tolosa como negociante de chitas. Em 13 de outubro de 1761, Marco Antonio, o mais velho dos seus seis filhos, de trinta annos d'edade, suicidou-se, enforcando-se no armazem de seu pae. A familia, desvairada, commetteu a imprudencia de negar o suicidio, para não vêr o corpo do tresloucado moço arrastado, como se fazia aos suicidas, e a calumnia, atiçada pelas paixões religiosas, aproveitou o ensejo para accusar Calas de ter, com a cumplicidade da familia, estrangulado o filho, para evitar que elle se convertesse ao catholicismo. Obrigado a comparecer perante o parlamento de Tolosa, o infeliz velho foi condemnado a ser rodado vivo, expirando no supplicio, cheio de martyrios. Voltaire, que estava então em Ferney, tomou conta da viuva e de dois filhos do suppliciado, dedicando-se depois á obra generosa da rehabilitação da memoria de Calas, o que conseguiu tres annos mais tarde, sendo revisto o processo e Calas considerado innocente.

10 de março.—Morte de D. João VI, 1826.

Ouçamos Soriano:

«Succedeu pois que recolhendo-se (D. João VI) ao Paço da Bemposta no dia 4 de março de 1826, de volta da real quinta de Belem, onde merendara, cahira repentinamente doente com vomitos, convulsões e desmaios, attribuidos pela voz publica d'aquelle tempo a propinação de veneno, que n'umas laranjas se lhe ministrara. No seguinte dia 5 os vomitos augmentaram, depois de haver tomado um caldo de gallinha. No dia 6 a molestia manifestou-se tão grave, que os facultativos conceberam logo o mais vivo receio, quanto á vida do doente, o qual, presentindo chegado o seu ultimo fim, não só quiz receber os sacramentos da egreja como catholico romano, mas até providenciar sobre o governo do reino, instituindo por decreto de 6 um conselho de regencia, presidido por sua filha, a infanta D. Izabel Maria, cujo voto seria decisivo nos casos d'empate. Similhante decreto, publicado no seguinte dia 7, no supplemento á *Gazeta de Lisboa*, ao passo que contristou no mais alto grau os moradores da capital, exaltou os partidistas da rainha, a ponto d'espalharem que el-rei havia

já morrido no dia 4, e portanto que o citado decreto do dia 6 era uma pura illusão. Suspeitos como foram de que tentassem alguma revolução, o governo preparou-se para obrar n'este caso em favor da ordem, que felizmente não foi perturbada. No dia 9 a molestia manifestou uma nova e mais grave crise, a que se seguiu fallecer o real enfermo no dia 10 pelas quatro horas e quarenta minutos da tarde, sem que até hoje se tenha sabido no publico qual fosse ao certo a natureza da doença, que o levava ao tumulo na edade de cincoenta e sete annos menos dois mezes e dois dias, por ter nascido em 13 de maio de 1767. Foi no dia 15 do citado mez de março que o seu cadaver se conduziu para o jazigo, que os reis da casa de Bragança teem no ex-mosteiro de S. Vicente de Fora, desde de D. João IV até hoje. O prestito funebre seguiu do palacio da Bemposta para a rua da Inveja, antigo Arco do Soccorro, rua do Amparo, Rocio, rua Augusta, Terreiro do Paço, Ribeira Velha, calçada da Fundição, campo de Santa Clara e Arco de S. Vicente, indo acompanhado dos boatos, que geralmente corriam no publico, de ter el-rei sido envenenado, e posto que d'isto não haja provas, que nos auctorisem a fazer uma inteira affirmativa sobre este ponto, parece-nos que os dictos boatos são verdadeiros, em razão dos medicos que trataram o real doente suspeitarem o mesmo, dando-se tambem o facto do cadaver não poder ser embalsamado, e de ter poucos mezes depois morrido de repente o cirurgião da real camara, Theodoro Ferreira de Aguiar. A ter-se realisado este crime, só póde com razão ser attribuido ao partido da rainha e de seu filho, o infante D. Miguel, pois que só elles tinham dado manifestas provas de attentar por mais de uma vez contra o fallecido, cuja vida interessava altamente, não só aos realistas moderados, como tambem aos proprios liberaes.»

Não ha duvida que D. João VI foi envenenado, não pelos partidarios da rainha mas por mando directo d'ella propria, tendo D. Miguel conhecimento pleno de quanto de ha muito se vinha planeando.

D. João VI, que era um avarento, deixou uma enorme fortuna, que se avaliava em cincoenta milhões de cruzados em dinheiro, além de mais quatro milhões em oiro em barra e em pó e joias riquissimas. A rainha, a infame megera, sonegou a maior parte d'ella.

Os crimes e abusos da realeza não teem conta. São continuos em todo o mundo. Pois ainda ha quem a defenda!

—

Morre Mazzini, 1872.

José Mazzini, celebre patriota e revolucionario italiano, nasceu em Genova no anno de 1808. Era filho d'um professor de medicina, estudou o curso de direito e dedicando-se ás lettras escreveu no *Indicador Genovez* e no *Indicador Leornez*, mostrando-se um dos mais ardentes defensores da escola romantica e emittindo sobre esse assumpto algumas opiniões muito arrojadas. Tendo sido supprimidos esses jornaes mandou para a *Anthologia* de Florença varios artigos assignados *Um italiano* e que mais tarde foram colligidos n'um volume.

Parecendo-lhe acanhada a carreira litteraria para o seu grande e vigoroso espirito, resolveu consagrar-se inteiramente a libertar a sua patria oppressa pelo dominio estrangeiro, torna-la forte dando-lhe a unidade e substituir o systema monarchico pelo republicano.

Aos 22 annos filiou-se nos carbonarios cuja reforma intentou; sendo, porém, denunciado á policia esteve preso e só recuperou a liberdade no fim de seis mezes por não apparecerem provas bastantes do crime. Condemnado apesar d'isto á expulsão da Italia foi viver em Marselha (1831) onde formou o plano de uma nova sociedade destinada a realisar os seus projectos, e á qual deu o titulo de *Joven Italia*.

Em 1834 passou á Suissa e d'ahi, em 1836, para a Inglaterra, e entrando em relações com as sociedades revolucinarias de Malta e Paris fundou em 1842 em Londres o *Apostolado popular*, jornal destinado a continuar a sua obra de propaganda. Quando rebentou em França a revolução de 1848, partiu apressadamente de Londres encaminhando-se para Paris, d'onde em breve se dirigiu a Milão. N'esta cidade organisou differentes clubs, fundou o *Italia des Popolo* e atacou violentamente as tentativas feitas por alguns politicos para realisar a annexação da Lombardia ao Piemonte. Quando Radetzky entrou em Milão, o fogoso republicano alistou-se entre os voluntarios de Garibaldi, mas dentro em pouco deixou a espingarda para tomar de novo a penna.

Depois de estar algum tempo em Florença, logo que soube da partida de Pio IX de Roma, partiu para a cidade eterna, onde foi recebido enthusiasticamente. Conhecida a derrota de Novara, Mazzini passou a ser o verdadeiro chefe da republica romana. Quando soube do desembarque do general francez Oudinot em Civita Vecchia, chamou Garibaldi para tomar o commando das tropas romanas, e dispoz tudo para uma defeza desesperada.

Sendo informado de que os francezes iam dar assalto á porta de San Pancracio, Mazzini quiz renovar a heroica defeza de Saragoça ou ir continuar a guerra nas provincias, mas a maioria da assembléa resolveu entrar em negociações com Oudinot e Mazzini conseguiu retirar-se antes da entrada do exercito francez. Refugiando-se na Suissa foi expulso, e passou a Londres, onde se ligou com Kossuth e Ledru Rollin formando uma commissão revolucionaria internacional com o fim de preparar o estabelecimento do systema republicano na Europa, principalmente na Italia, em França e na Hungria.

Contrahindo um emprestimo, que ficou celebre com o nome de emprestimo mazzinista, preparou nova insurreição, que se mallogrou, em 1853. Em 1857 voltou á Italia para promover nova insurreição, o que não conseguiu. Em 1869 outra vez tentou uma revolução republicana, vendo mais uma vez perdidos os seus esforços.

Alma ardente de revolucionario.

—

11 de março.—D. Miguel dissolve as côrtes, 1827.

—

12 de março.—Institue-se o jury mixto para o caso de crimes commettidos por estrangeiros em Portugal, em 1845.

Livraria Classica

Da iniciativa da nova casa editora *Artes & Lettras*, cuja direcção litteraria está confiada ao nosso prezado collega na imprensa e distincto publicista sr. Alvaro de Castro Neves, vae brevemente começar a imprimir-se uma bibliotheca subordinada ao titulo d'esta local e que contará no seu elenco todas as obras primas do genio artistico, scientifico e philosophico do nosso paiz e do estrangeiro.

E' como se vê um brilhante emprehendimento que merece o acolhimento do publico, pois se destina a todas as classes, ricas e pobres, e desafia o applauso incondicional dos verdadeiros intellectuaes.

A edição far-se-ha em elegantes volumes ao preço de 100 reis.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicyclete

A "OSMOND,,

Feitios quasi de graça se na

Officina de alfaiate

DO

ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

VENDE-SE um fogão grande quasi novo, duas fornalhas e duas estufas.

Para tratar padaria Ferreira, aos Arcos.

INFORMAÇÕES LOCAES

«POVO DE AVEIRO».—Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

Companhia de cavallinhos—Vamos ter este anno na feira de março uma companhia de cavallinhos, a qual trabalha actualmente no *Aguia d'Ouro*, do Porto, e que nos dizem ser de primeira ordem.

Alem d'esta companhia veem ainda outros divertimentos.

Corrida-aposta.—No dia 23 do corrente terá logar na estrada da Barra uma disputada corrida de bicycletes entre dois rapazes que primam por ser os melhores corredores de Aveiro. A aposta é valiosa e a corrida deve ser immensamente concorrida.

Musica no Jardim.—O programma que a banda de infanteria 24 executa hoje no Jardim é o que segue:

Marcha. *Il Pagliacci*, selection (Leoncavallo). *Instantaneas*, descantes (Moraes). *La Côrte de Granada*, phantasia (Chapi). *Les Fleurs*, suite de walsas (Waldteufel). *La Manola*, (Canhão). Passe Calle.

Carnaval.—Decorreu este anno entre nós como no geral nos annos anteriores. Apenas se gastaram menos pós e bichas de rabiar.

Entretanto mais limpo, embora que menos folgazão. Os bailes é que foram os senhores da situação.

Baile.—Promovido por um grupo de rapazes *já maduros*, mas d'aquelles que se acham sempre dispostos a concorrer para passar algumas horas em harmonioso e alegre convivio, realisou-se segunda-feira á noite, em casa do nosso amigo sr. Joaquim Felix, um animado baile que durou até quasi romper o dia de terça-feira de entrudo. Vimos alli a antiga rapaziada que animava os bailes d'outras epochas e que, apesar de já pintarem de branco, ainda mostraram bem que sabiam dar á *gambia*.

Recitaram-se poesias e monologos, sobresahindo o dono da casa que impressionou os assistentes com o immortal *Estudante Alsaciano* e que elle recitou d'uma maneira inagualavel.

Emfim, uma festa que deixou gratas recordações aos que n'ella tomaram parte.

Naufragio.—A 25 milhas da Costa Nova do Prado naufragou a barca hespanhola *Villalegre*, de Hespanha, com carregamento de ferro em barra.

Parte da tripulação veio para terra n'um bote e outra parte foi recolhida no mar alto por um vapor francez que os levou a Vigo.

Illuminação publica.—Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje a carta do *Velho assignante*, que contém, d'esta vez, algumas revelações que devem interessar o publico. Fica para o proximo numero.

FOLHAS SOLTAS

AS FILHAS DE JOÃO

(Conclusão)

Ninguem sabe ao certo quantas foram, nem quantas são. Uns affirmam que João teve muitas, muitissimas filhas, e um pensador de ideias tão claras como delicadas e precisas assegura-me que João não tem, nem teve, nem terá, até á consummação dos seculos, senão duas filhas.

Um dia, muitos annos após de haverem nascido, poucos dias antes de morrer, essas duas filhas, que eram irmãs, reuniram-se e reconheceram-se depois de haverem passado largo tempo, quasi uma vida inteira, sem se vêrem.

Ambas estavam miseravelmente vestidas; nos seus rostos appareciam as rugas prematuras que deixa a dôr moral e que imprime a dôr physica, como sêllo indelevel da sua passagem.

Ao vêrem-se tão lamentaveis, tão miserrimas, não se commoveram nem choraram. A' força de soffrer, eram já insensiveis a toda a dôr.

— Eu casei-me com o Pedro—lembras-te?—e ao cabo de cinco annos tinha quatro filhos, e ao ter seis de casada, morreu tysico meu marido. Depois morreram de fome ou de tysica dois dos meus pequenos e eu tive de voltar á fabrica para ganhar o pão para os outros. Porém, durante as minhas horas interminaveis de trabalho, os filhos do meu coração ficavam abandonados, e o maior um dia foi á prisão por gatuno, e o menor, o mais querido, porque era o mais fraco, cahiu da janella á rua e morreu. Não sei o que foi feito do meu João. Disseram-me já que está no presidio. Eu tenho trabalhado muito, trabalhei sem ter o preciso descanço, até que me despediram da fabrica, por inutil. Já sabes por que estou tão velha e tão cheia de rugas, por que motivo estou prestes a morrer...

— Eu não tive a tua resignação. Aborrecia-me a fabrica, causava-me asco o trabalho continuo que no berço começa e com a mortalha acaba. Lembras-te d'aquelle homem novo que nos seguia e que me requestava? Um dia fugi da nossa casa. Julguei ter achado a minha sorte. Foram breves dias de glorias e uma eternidade de padecimentos. Sem saber como, d'uma vez tive vestidos de sêda, perolas nas orelhas, diamantes nos dedos. Homens de todas as edades e raças extasiavam-se ante o meu corpo e estremeciam de desejos deante de mim. Depois—pouco tardou—veiu o mal, o mal implacavel; chegou com elle a miseria que não perdôa, a fealdade que não attrahe, as rugas que repellem. D'ahi—que sei eu!—o hospital, o trabalho deshumano, a mendicidade, a companhia d'aquelles que esperam tomar conhecimento com a forca, a miseria espantosa, muito mais espantosa que a da nossa antiga casa, a fome, a vergonha, a mim, que não a conhecia! A isto cheguei...

— E as nossas irmãs?

— Como tu, ou como eu.

— Pobres irmãs minhas!

E as duas miseraveis olharam-se horrorisadas, como se, durante um momento, a intelligencia que arde em alguns cerebros, tivesse illuminado os d'ellas.

(Trad. de «Ivan».

EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA

Publicamos em seguida a communicação que nos foi feita relativa a transportes:

Ex.mo Sr.—A Direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza communica a V. Ex.ª que obteve das Companhias de caminhos de ferro e Caminhos de Ferro do Estado as seguintes concessões, pelo que respeita a passagens de congressistas e transporte de gados, machinas, apparelhos e productos destinados á Exposição Agricola de Lisboa.

Reducção dos preços das passagens concedidas aos Congressistas

Caminhos de Ferro do Estado:

Linha do Sul e Sueste e Linha do Minho e Douro, 75 % de abatimento no preço do bilhete da respectiva classe n'uma viagem de ida e volta.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes; Caminhos de Ferro do Porto á Povoa e Famalicão; Companhia dos Caminhos de Ferro de Guimarães; Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 50 % de abatimento no bilhete da respectiva classe.

Para se obterem estas reducções de preços é indispensavel a apresentação do bilhete de identidade, o qual a Real Associação enviará ás pessoas que se inscreverem congressistas, em conformidade com o artigo 8.º e seus paragraphos, e artigo 17.º do regulamento do Congresso.

Reducção nas tarifas de transporte de gados, machinas, apparelhos e productos destinados á Exposição

Caminhos de Ferro do Estado:

Linha do Sul e Sueste e Linha do Minho e Douro, transporte GRATUITO na ida e na volta.

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes; Companhia Nacional de Caminhos de Ferro; Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes da Beira Alta; Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, reducção de 50 % nos transportes nas seguintes condições:

No transporte para Lisboa as remessas serão expedidas pelas tarifas em vigor, sem reducção alguma.

Na volta, os objectos que forem expedidos para os pontos de procedencia, dentro do praso de 8 dias depois de encerrada a Exposição, serão transportados GRATUITAMENTE.

Caminhos de Ferro do Porto á Povoa e Famalicão, reducção de 50 % nos preços das respectivas tarifas.

Reducção dos preços de passagem concedida aos Expositores

Caminhos de Ferro do Estado:

Linha de Sul e Sueste e Linha do Minho e Douro, 75 % de abatimento no preço do bilhete da respectiva classe n'uma viagem de ida e volta, mediante apresentação de bilhete de identidade.

A Direcção.

CONGRESSO DE Leitaria, olivicultura e industria do azeite

REGULAMENTO

Artigo 1.º O Congresso, cuja duração será de oito dias, reunir-se-ha em Lisboa, na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, para esse fim obsequiosamente cedida pela sua direcção, durante o mez de abril e nos dias opportunamente annunciados.

Art. 2.º O Congresso reunir-se-ha em tres sessões plenarias e em tantas sessões preparatorias de secção quantas as precisas para a discussão completa das theses de que se compõem as duas partes do seu programma.

§ unico. As materias de que se compõem as duas partes do programma serão grupados em 8 secções, para o seu conveniente estudo.

Art. 3.º A primeira sessão plenaria será a da abertura do Congresso e realisar-se ha sob a presidencia de S. M. El-Rei.

Art. 4.º São presidentes honorarios do Congresso os ex.mos srs.: Director Geral de Agricultura, Presidente da Assembleia Geral da Sociedade das Sciencias Agronomicas de Portugal e o Presidente da Assembleia Geral da Sociedade de Medicina Veterenaria Portugueza.

Art. 5.º Interpoladas com as sessões plenarias, haverá excursões de estudo a differentes explorações agricólas do país, em harmonia com o fim do Congresso.

Art. 6.º A distribuição, por dias, dos trabalhos do Congresso, se annunciada com a necessaria antecedencia.

Art. 7.º As sessões plenarias serão constituidas pelas corporações e pessoas directamente interessadas nos assumptos a tratar n'este Congresso e que préviamente se tenham inscripto congressistas, por communicação feita ao presidente da direcção d'esta Real Associação, até ao dia 20 de março do proximo anno.

Art. 8.º Os socios da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal e da Sociedade de Medicina Veterenaria Portugueza, que queiram inscrever-se como congressistas, requesitarão ao presidente da direcção o seu bilhete de inscripção que lhe será dado gratuitamente.

As pessoas estranhas a esta Real Associação, que se inscrevam congressistas, satisfarão no acto da inscripção a quantia de 1$000 réis.

As corporações, que se inscrevam congressistas, satisfarão no acto da inscripção a quantia de 1$000 e poderão ser representadas por dois dos seus membros.

§ 1.º A todo o congressista será entregue, no acto da inscripção, um bilhete possoal e intransmissivel que lhe facultará a entrada em todas as sessões do Congresso.

§ 2.º As quotas de inscripção ou serão directamente entregues na secretaria d'esta Real Associação, ou enviadas em vale do correio ou em estampilhas, ao Presidente da Direcção.

Art. 9.º As sessões plenarias serão presididas pelo Presidente da Meza da Assembleia Geral da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, coadjuvado pelos secretarios e vice-secretarios da mesma meza, e na falta d'estes por quaesquer socios, os quaes serão indicados pelo presidente.

Art. 10.º A 2.ª e 3.ª sessões plenarias terão por fim a discussão das conclusões approvadas pelas differente secções.

Abertas as sessões plenarias, serão lidas as conclusões de cada relatorio, conforme as alterações feitas nas secções e em seguida submettidas á discussão.

Art. 11.º Discutidos que sejam os relatorios e suas conclusões, serão estas immediatamente votadas.

Art. 12.º A nenhum congressista, excepto ao respectivo relator, sera permittido falar mais de duas vezes e mais de dez minutos de cada vez, sobre cada relatorio e suas conclusões.

Art. 13.º As sessões preparatorias de secção terão por fim fixar definitivamente as conclusões dos relatorios a apresentar ás sessões plenarias.

Realizar-se hão nos mesmos dias ou em dias immediatamente anteriores aos das reuniões d'estas.

Art. 14.º Cada uma das 8 secções terá um presidente e dois secretarios que a Direcção d'esta Real Associação opportunamente designará.

Art. 15.º Para maior facilidade de apreciação e estudo serão distribuidos aos congressistas os diversos relatorios com antecedencia conveniente.

Art. 16.º Os congressistas terão direito a receber todos os documentos e publicações relativas ao Congresso.

Art. 17.º Os congressistas terão direito ás reducções e vantagens que a Real Associação Central da Agricultura Portugueza obteve no que respeita a transportes.

Art. 18.º A importancia das quotas de inscripção será applicada ás despezas do Congresso e da Exposição annexa.

Continuaremos no domingo a publicar os restantes documentos, relativos á *Exposição Agricola* e ao *Congresso*.

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200

Album, ou livro contendo as licções da *Catilha Maternal* em ponto grando . . . . . 5$000

Quadros Parietaes, ou as mesmas licções em trinta e cinco cartões. . . . . 6$000

Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200

Guia prático e theorico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripta—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sôbre o Méthodo

A Cartilha Maternal e o Apostolado 500
A Cartilha Maternal e a Critica 500

De mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripta.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

EM TODA A PARTE OS

Armazens

Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encommenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.ª

LISBOA

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 1$600 a 3$600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; vel'as marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.or

DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Concerta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA

(Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empreza previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 reis o masso.

R. da Boa Vista, 3—Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relogios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de differentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO